

PERDA DE FILHOS: UMA EXPERIÊNCIA SEM NOME. UM LUTO PASSÍVEL DE ELABORAÇÃO?

Bigarella, F. M.¹; Davoglio, T.¹; Nunes, D. F.¹; Rose, A. T. de¹; Schmitz, A. R.¹; Steinke, S. P.¹ - ¹Fundação Thiago de Moraes Gonzaga - Núcleo de Psicologia

Este trabalho apresenta a experiência no acompanhamento de Grupos de Apoio de pais que perderam filhos, realizado pelas psicólogas do Núcleo de Psicologia da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga. Tem como objetivo descrever o processo de luto pela perda de filhos, observando as peculiaridades de seu curso e fases, bem como, sua forma diferenciada de elaboração. Para tal, utilizamos citações dos pais durante a realização dos grupos, juntamente com a fundamentação teórica, além de nossas contribuições e questionamentos. Inicialmente, há um breve histórico do Grupo de Apoio, seus objetivos e funcionamento que trazem uma percepção da dinâmica estabelecida. Também buscamos destacar a troca de vivências e a expressão dos sentimentos despertados pela falta, que entendemos como importantes na elaboração do luto, sempre procurando comparar e/ou confrontar nossa prática em relação aos parâmetros existentes na literatura. O luto pela morte de um filho é muito intenso. A interrupção, o corte na seqüência esperada e a inversão na ordem natural da vida causam desordem, alteram o ciclo e exige das pessoas um alto grau de investimento psíquico para dar seguimento e sentido às vidas que continuam. No grupo, os pais podem perceber que não estão sozinhos e encontram apoio mútuo, assim como, podem reorganizar seus sentimentos e descobrir maneiras de enfrentamento do luto. Podemos verificar diariamente a violência nos noticiários. Mas, em especial na nossa atividade como psicólogas da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, observamos que o jovem não é mais um número em uma estatística. Ele é alguém com nome que foi tirado do convívio de sua família muito cedo, e isso resulta em implicações a serem consideradas também a nível de políticas públicas. “As estatísticas têm rosto...”. Com este trabalho queremos mostrar que pais que perderam filhos em situações inesperadas, têm um luto diferenciado, sem ser patológico. Que o tempo habitualmente esperado para o luto pode ser alongado em função de suas características. Observamos que o impacto da perda de um filho em relação ao ciclo de vida transforma o indivíduo e a família. “É uma outra vida, uma outra família, nem melhor, nem pior, mas diferente!”.